

QUANDO A POESIA DE MANOEL DE BARROS E A FOTOGRAFIA SE ENCONTRAM: O OLHAR INFANTIL SOBRE O AMBIENTE

Aline Gevaerd Krelling*

Recebido em: 11 set. 2013

Aprovado em: 18 nov. 2013

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC. Florianópolis, Santa Catarina – Brasil. E-mail: aline.krelling@gmail.com

Resumo: Neste ensaio busco refletir sobre o encontro entre poesia e fotografia ocorrido em meu Mestrado. Minha pesquisa buscou entrelaçar literatura, educação ambiental e infância. Para isso, criei oficinas pedagógicas com/sobre a poesia de Manoel de Barros que foram desenvolvidas com alunos e alunas de séries iniciais. O encontro com Manoel de Barros permitiu-me vislumbrar uma outra forma de pensar a educação ambiental, menos prescritiva e mais aberta as diferentes relações que construímos com a natureza, com o outro, com o mundo. A partir da leitura de dois poemas, convidei as crianças a saírem pela escola para procurar e fotografar coisas e seres desimportantes. Os poemas participaram da criação das fotografias, compuseram o olhar infantil sobre o ambiente, permitindo às crianças se encantar com o singelo, o ordinário, o desimportante, que estavam presentes na escola diariamente e que através da atividade as crianças pararam para olhá-los.

Palavras-chave: Poesia. Fotografia. Ambiente.

WHEN MANOEL DE BARROS POETRY AND PHOTOGRAPHY MEET: THE CHILD'S SIGHT ABOUT ENVIRONMENT

Abstract: In the present work I try to reflect about the poetry and photography encounter that occurred in my Master degree. My research tried to unite literacy, environmental education and childhood. In order to accomplish this union, I created pedagogic workshops with/about Manoel de Barros poetry, being developed within initial grade students. Meeting with Manoel de Barros allowed me to understand another view about environmental education, less prescriptive and more open to the different relations constructed with nature, the others and the world. From lectures of two poems I invited children to walk through the school, searching and photographing unimportant things and beings. Poems inspired photographs and child's sight about environment, allowing enchantment with the simple, ordinary and the unimportant which were present daily at the school and through proposed activity, children could notice them.

Key words: Poetry. Photography. Environmental.

Com máquinas de ampliar a visão e máquinas de eternizar imagens em mãos, saímos pela escola para procurar e fotografar coisas e seres desimportantes. A proposta desta atividade, que nomeei de exercício de ampliação do olhar, foi lançada às crianças após a leitura dos poemas “Sobre sucatas” e “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros (2006, p. 14, 18). Estávamos já em nosso terceiro encontro, e, desde o primeiro, vínhamos pesquisando e nos encantando com a obra deste grande poeta. As imagens criadas pelas crianças durante essa atividade me fascinaram e me movimentaram a escrever este texto. Porém, antes de me aventurar nesta escrita por entre imagens, irei me ater brevemente a uma contextualização da pesquisa que me lançou a este desafio.

RELATOS DE UMA PESQUISA BRINCANTE

A paixão pelos livros, o encantamento pelo universo da infância e o desejo de trilhar novos caminhos na educação ambiental me motivaram a desenvolver minha pesquisa de Mestrado (KRELLING, 2011). Rememorar-la é algo sempre muito prazeroso, é como reviver a sensação trazida pela brincadeira que mais gostava quando criança. Neste texto, não abordarei tão profundamente os modos de construção da pesquisa (algo já feito em outro artigo), deixando para refletir aqui sobre o que aconteceu em meus encontros com os alunos e alunas, mais especificamente sobre nosso terceiro encontro¹ e sobre o que foi gerado a partir dele.

Nesse nosso tempo atual, que alguns autores nomeiam como pós-modernos, a cultura tem ocupado uma centralidade (GUIMARÃES, 2009a). Esse entendimento da cultura como central não ocorre porque ocupa um centro, uma posição única e privilegiada, mas por perpassar tudo o que acontece nas nossas vidas, tudo aquilo que é social (HALL, 1997). Guimarães (2006) afirma que o modo como enxergamos e nos relacionamos com a natureza, com o mundo, é construído histórica e culturalmente. Sendo assim, obras literárias são portadoras de visões de natureza, de ciência, de mundo, que circulam pela cultura na época em que foram escritas. Diante disso, torna-se necessário atentarmos para as significações de natureza e de meio ambiente que vêm sendo

¹ Foram 5 encontros ao todo.

produzidas por artefatos, instâncias e práticas culturais, instituidores de subjetividades, ou seja, de modos de ser e de estar no mundo.

Esse acento nos artefatos culturais e na produção de subjetividades tem se ampliado mais recentemente em pesquisas que atentam para as artes contemporâneas. Inspirada em Guimarães (2009b), esta pesquisa se mobilizou por um desejo de não apenas dizer como o mundo vem sendo constituído, organizado, controlado, produzido, mas por atuar na proliferação de mundos, de infinitos modos de ver e de estar, sempre instáveis, inusitados, diferentes, disparados através de práticas pedagógicas em que a literatura, mais especificamente a poesia de Manoel de Barros, é provocativa do pensamento sobre as relações socioambientais que tecemos.

Com isso, desejando ultrapassar o acento na representação de meio ambiente e de natureza, muito frequente nas pesquisas com crianças (GUIMARÃES, 2009b), organizei uma proposta de oficinas pedagógicas de educação ambiental com/sobre a poesia de Manoel de Barros. Sendo a literatura uma possibilidade de diálogo com diferentes áreas do conhecimento e saberes, propus, através desta pesquisa, contribuir com subsídios para a construção de alternativas de trabalho mais inventivas que incorporassem a dimensão ambiental no cotidiano escolar, através da obra literária de Manoel de Barros. O poeta me inspira a pensar que talvez seja possível ver o mundo de outras formas, inventar mundos, fugir das representações já tão naturalizadas e, assim, acionar outras possibilidades de experienciá-lo.

Minha pesquisa nunca pretendeu seguir por um caminho pré-estabelecido, nem seguir receitas metodológicas. Os caminhos e as possibilidades foram construídos e desconstruídos ao longo do próprio processo, pois acredito que devemos nos preocupar em nossa prática pedagógica com o “por quê” fazer e não apenas aceitar receitas prontas de “como” fazer (BARCELOS; SILVA, 2007). Nesta perspectiva, como propõe os autores (p. 144), é preciso “aceitar o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho” e de “partir para o mar revolto [...] apenas com um rascunho em mãos”. Assim, a pesquisa foi produzida para ser devorada, digerida, transformada enquanto era vivida por mim e pelas crianças.

Perpassa minha pesquisa, e sei que é preciso deixar isso bastante claro, uma visão de educação ambiental. Circulam pela nossa sociedade, em diferentes instâncias, mensagens como: Proteja a natureza; Cuide do Meio Ambiente; Recicle; Seja sustentável. São palavras de ordem

que estão fortemente associadas à educação ambiental. Nesse sentido, Preve (2010) argumenta que:

a educação ambiental que se espalha sobre a nossa sociedade e que visa distribuir informações nos apresenta de forma indireta as palavras de ordem do momento através dos slogans ecologicamente corretos, nas práticas diárias de reciclagem, na cidadania consciente, no consumo ecologicamente correto, nos impedindo de pensar o que acontece enquanto repetimos tais slogans. (p. 64).

Esse excesso de informação que nos é transmitido através das propagandas, nas campanhas de educação ambiental, e também nas escolas, é parte da impossibilidade de experienciar o presente (PREVE, 2010). Segundo Larrosa (2002), a experiência é o que nos acontece, nos toca, e para que a vivenciemos um gesto de parada, de diminuição de nossos ritmos, se faz necessário:

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar; demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Essa parada é necessária para transformar aquilo que nos acontece em algo significativo em nosso viver, o que tem se tornado cada vez mais raro nos tempos atuais de tanta velocidade, competição e egoísmos.

Concordo com Zanco (2010), que essas expressões que buscam por uma “conscientização ambiental”, postas dessa forma, são tão distantes do mundo das crianças, que para elas não fazem sentido concreto, são abstratas, não provocam experiências. São muitas as investigações e ações em educação ambiental que se enquadram nessa linha de pensamento, desenvolvendo trabalhos como implantação de horta escolar, separação de resíduos, plantio de árvores. Sem desmerecê-las, até mesmo porque estaria sendo incoerente com minha própria trajetória que contempla trabalhos desse tipo, acredito que a educação ambiental pode ir além da transmissão de mensagens de ordem, muitas vezes vazias de sentido. Conforme nos fala Reigota (2002, p. 140):

A educação em geral e a educação ambiental em particular, nesses tempos pós-modernos, não têm a pretensão de dar respostas prontas, acabadas, definitivas, mas sim instigar questionamento sobre as nossas relações com a alteridade, com a natureza, com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com o nosso eventual porvir.

Diante destas considerações e inspirada em Guimarães (2009b), teço os seguintes questionamentos: como estamos nos relacionando com o mundo em que vivemos? Que mundo desejamos? Que cheiros, cores e sons queremos ver e ouvir neste mundo? Refletir sobre estas questões pode nos levar a imaginar mundos fantásticos, disparar fugas, acionar sentimentos e desejos que a racionalidade e as regras tão instituídas em nossa sociedade não permitem transparecer. Mundos que podem ser disparados por uma educação ambiental que experimenta outras formas de se pensar a preservação ambiental, que funcione tal qual a poesia para Manoel de Barros, “de pregar a prática da infância entre os homens, a prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico.” (AZEVEDO, 2007, p. 13). Para o poeta, “se a poesia desaparecesse do mundo, os homens se transformariam em monstros, máquinas, robôs.” (p. 13).

Minhas leituras, derivadas do “entorno pós-moderno da educação ambiental²” (WUNDER et al., 2007), e o encontro com a poesia de Manoel de Barros me permitiram vislumbrar essa outra forma de pensar a educação ambiental, menos prescritiva e mais aberta às diferentes relações que construímos com a natureza, com o outro, com o mundo. E foi essa percepção que

² “Este entorno pós-moderno refere-se aos processos de **desnaturalização** a que estamos envolvidos nos trabalhos que executamos. Um ambiente não é somente, e apenas, natureza, mas conformado por variadas e distintas inventividades humanas (culturais e históricas), que são produzidas em articulação com o mesmo.” (GUIMARÃES, 2009a, p. 2).

me levou a cometer os despropósitos de minha pesquisa - Adentrar ao universo manoelino através do olhar das crianças para poder perceber: como as crianças vivenciam o universo sensível, imaginativo, da poesia de Manoel de Barros, para enfim questionar: é possível uma educação ambiental que não pretenda apenas informar sobre, ensinar sobre, conscientizar sobre, mas potencializar pensamentos, disparar a imaginação, propiciar a alteridade, criar outras leituras de mundo? Será que uma pesquisa com poesia no cotidiano escolar é capaz de possibilitar isso?

AS OFICINAS PEDAGÓGICAS: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE FOTOGRAFIA E POESIA

Para refletir sobre os despropósitos desta investigação, responder a alguns questionamentos e, principalmente, gerar outros, organizei e desenvolvi algumas oficinas pedagógicas com 4 turmas de 4º. e 5º. ano do Ensino Fundamental da Escola Maria Alice Colevati Rodrigues, localizada em Campinas-SP. Cuberes (1998 apud VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p. 11) conceitua a oficina pedagógica como sendo “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrazões que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.” Assim, assumi nesta pesquisa o conceito de oficinas pedagógicas para nomear os encontros que vivenciei com as crianças, encarando-as como um espaço e um tempo provocadores de experiências. Oficinas que procuraram fugir das obviedades, que procuraram ser outras, pois assim como Manoel de Barros (2010, p. 374), “eu penso em renovar o homem usando borboletas”.

A contemplação da arte, na sua manifestação através da poesia, é pensada aqui não como uma mera ferramenta de ensino, mas como um dispositivo que acione a expressão criativa dos alunos e alunas, que dispare a transformação e a construção de novas realidades, que permita deslocamentos de modos de ver, oportunizando a experimentação de sensações outras, criando narrativas que não poderiam ser pensadas antes. O dispositivo a que me refiro é elaborado a partir da ideia de “dispositivo artístico” discutida por França (2007), entendendo as oficinas pedagógicas como “uma metodologia ou um procedimento produtor, ativador – de realidades, de mundos, sensações, que não preexistem a ele.” (p. 52). É a noção de dispositivo advinda do

pensamento de Michel Foucault e atualizada pelos estudos de cinema e pelos estudos sobre as artes contemporâneas. (GUIMARÃES et al., 2010).

Não caberia detalhar aqui todas as atividades desenvolvidas, até mesmo porque o foco deste ensaio recai somente sobre uma delas, o exercício de ampliação do olhar ocorrido em nosso terceiro encontro. O que posso ressaltar é que a arte e a educação ambiental andaram juntas nesta pesquisa, o que me faz responder afirmativamente à questão levantada por Barcelos (2008, p. 39): “será que a ação pedagógica e metodológica em educação ambiental não ficaria mais prazerosa com um pouco de poetização do mundo?”

Como explicitado anteriormente, a partir da leitura de dois poemas de Manoel de Barros, “Sobre sucatas” e “O apanhador de desperdícios”, convidei as crianças a saírem pela escola para procurar e fotografar coisas e seres desimportantes. A aproximação entre poesia e fotografia, buscada com esta atividade, é tida por Andrade Jr. (2004-2005) como compreensível na medida em que ambas são instrumentos de imobilização do presente. O mesmo autor nos fala que a fotografia é uma forma de explicitar o caráter complexo e fascinante da imagem visual, ao mesmo tempo presença e ausência. A pesquisadora e fotógrafa AlikWunder (2006) também nos chama a atenção para a dualidade da linguagem fotográfica, de estar ou não ligada ao que chamamos de realidade. Para Wunder (2006, p. 2):

[...] uma fotografia é um **pacote de informações** na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. [...] é também uma **nuvem de fantasias**, é uma criação humana, marcada pelas escolhas, desejos, imaginações e representações daquele que fotografa e daqueles que observam as imagens fotografadas. [grifos da autora].

Já para Barthes (1984), trata-se de loucura e sensatez: “Louca ou sensata? A fotografia pode ser uma ou outra. [...] Cabe a mim escolher, submeter seu espetáculo ao código civilizado das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade” (p. 175). Apesar dessa dualidade da linguagem fotográfica, não há como negar a força representativa da fotografia que por fixar, “em perspectiva, a luz de seres e coisas de um instante” (WUNDER, 2008, p. 111), nos leva, segundo Salgado (2011), a querer identificar hábitos, pessoas, relações com o ambiente, a encontrar no plano a representação de um mundo tridimensional. Porém, como nos alerta Wunder

(p. 111), “a opção por essas coordenadas que querem somente desvendar, fecha a possibilidade de enveredar-nos por outros caminhos”, o que procuro fazer nestas linhas.

É importante ressaltar que não houve nenhum tipo de treinamento dado aos alunos e alunas para a produção das fotografias. As crianças, em sua maioria, já tinham conhecimento do equipamento, pois tratavam-se de câmeras digitais comuns, e manusearam-nas sem o meu auxílio. Havia apenas duas câmeras fotográficas (máquinas de eternizar imagens) à disposição das crianças e optei por deixar os equipamentos comigo. Expliquei aos alunos e alunas que quando achassem algo que gostariam de fotografar deveriam chamar-me para que eu entregasse-lhes as câmeras. As crianças também estavam separadas em duplas, dividindo uma lupa (máquinas de ampliar a visão) entre si, e poderiam tirar apenas duas fotografias. Creio ser importante aqui, parar para refletir sobre minhas escolhas.

As câmeras fotográficas mais modernas, em especial, as digitais, tem tornado o ato de fotografar mais simples, automático. Nesse sentido, Eitler (2000) nos fala que “elas vão fazendo o trabalho por nós, impondo um tipo de imagem. Essa imposição às vezes chega ao ponto de que quando fotografamos, nem sempre estamos pensando o que queremos com aquela foto” (p. 40-41). É muito comum observarmos pessoas fotografando compulsivamente, sem pensar, sem olhar para o que estão fotografando, como se esta fosse a única forma de registrar um momento, um lugar. “São imagens que nem sempre falam da vivência pessoal, da maneira de ver o mundo” (p. 41). Acredito que o fato das câmeras terem ficado comigo e das crianças poderem tirar apenas duas fotografias impossibilitou esse ato compulsivo, proporcionando uma parada para pensar o que se queria registrar. Houve uma busca, houve escolhas. Claro que há perdas também. Os momentos são fugazes e aquilo que elas escolheram fotografar já era outro no momento em que elas tinham a máquina fotográfica em suas mãos.

Segundo Wunder (2006, p. 10), “uma fotografia é resultado de um bom e fugaz encontro, previsto ou inesperado, mas também de uma busca, de uma intenção que possibilita ver coisas que poderiam passar despercebidas.” Assim, a fotografia permitiu aos alunos e alunas novas possibilidades de olhar para aquilo que lhes é comum: o ambiente escolar. A atividade de procurar e fotografar os seres desimportantes possibilitou essa ampliação do olhar, de ver e registrar a beleza de um lugar que está sempre presente no cotidiano das crianças, mas que geralmente passa despercebido aos seus olhos. Mas “por que escolher fotografar tal objeto, tal

instante, em vez de tal outro?” (BARTHES, 1984, p. 16). Acredito que a poesia de Manoel de Barros teve um papel muito importante nessa criação, disparando a imaginação dos alunos, permeando suas escolhas. Certamente, se tivesse lançado essa proposta às crianças sem que tivéssemos feito a leitura dos poemas, fora do contexto das oficinas, o resultado teria sido diferente.

“Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si.” (CHAUI, 1999, p. 34). Segundo Wunder (2006, p. 3), “atrelada ao racionalismo da ciência, nossa cultura construiu um olhar que se distancia da sensibilidade, que fragmenta, classifica, analisa, avalia e corrige” Neste exercício de ampliação do olhar percebi sim um olhar advindo da ciência, um olhar investigativo, de procurar e registrar as coisas e os seres desimportantes. Porém, a proposta, a fotografia e a poesia ativaram também um olhar sensível, de se encantar com o singelo, o ordinário, o desimportante, que estavam presentes na escola diariamente e que através da atividade as crianças pararam para olhá-los.

O Fotógrafo

Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina. O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado. Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre. Por fim eu enxerguei a Nuvem de calça.
Representou para mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakovski – seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir a sua noiva.
A foto saiu legal. (BARROS, 2010).

IMAGENS E NARRATIVAS: O QUE PENSAM OS OLHOS?³

Quando olhamos para uma fotografia e esta nos provoca, é mais do que gostar ou não da imagem, é “antes uma agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que quer se dizer.” (BARTHES, 1984, p. 35) No seu estudo sobre a fotografia, em lugar da objetivação da imagem fotográfica, reprodução do real, Barthes destaca o elemento subjetivo da foto, o “punctum” – detalhe que punge o sujeito, capaz de atrair o olhar do espectador numa armadilha que o leva a um instante de inquietação. Na foto, o punctum muitas vezes é um detalhe intraduzível: um grito silencioso (BARTHES, 1984). Inspirada por Barthes e também por Alik Wunder (2006, p. 8), desafio-me a falar sobre aquilo que me punge, deixar “que a imagem transforme e que também sofra as transformações dadas pelo observador.”

Para compor este desafio de escrita com as imagens, além de propor um exercício de ampliação do olhar às crianças, eu tive que realizar também um exercício de ampliação do meu próprio olhar, para trazer alguns dos pensamentos, das palavras que me pungem quando olho para estas imagens, do encantamento ou da ferida que provocam em mim. No momento de olhar para tudo que vivi com as crianças durante as oficinas pedagógicas e para o que foi gerado a partir delas, procurei entender esse ato de olhar como um “ato poético do ver” (BARROS, 2010, p. 453). Como nos ensina Manoel de Barros, não queria cometer o erro do excesso de informação, nem pretendia classificar, nomear, ou calcular os “resultados” dessas oficinas. Nas palavras de AlikWunder (2006, p. 9) “a linguagem, seja fotográfica, oral ou escrita, deixa de ser considerada como instrumento de expressão e revelação de saberes, mas como uma matéria-prima que dá forma, cor e textura própria aos saberes gerados por ela.”

A pesquisadora e fotógrafa (p. 1) nos inspira a refletir sobre “que outros jeitos de ver moram em nossos olhos?” Diante disso, questiono-me: que outras formas de olhar podem ser acionadas para pensarmos sobre o que foi produzido pelas crianças a partir do contato com a poesia de Manoel de Barros? Amorim (2005) sugere-nos uma forma de produzir e de olhar para as imagens, se as olharmos “como recursos de construção de nossas experiências cotidianas e de nosso imaginário e não uma expressão que possa ser submetida à análise e interpretação, assumida como possível e verdadeira nas apresentações do cotidiano.” (p. 115).

³ Poética pergunta de Cézanne que me foi trazida pelo texto de Regina Leite Garcia (2000, p.11).

Acredito que olhar para a pesquisa e para o que foi disparado através dela sem a intenção de analisá-la, sem limitá-la, vai ao encontro dos meus despropósitos e dessa outra forma de pensar a educação ambiental que defendo aqui. Como disse anteriormente, desafio-me a brincar com essas produções e pensar a partir/com elas, levantar outros questionamentos e principalmente, permitir a você leitor, que o seu olhar dispare pensamentos outros.

Imagens evocam narrativas, que por sua vez propiciam a invenção de outras imagens. Essa relação íntima entre imagem e narrativa pode potencializar uma ampliação das possibilidades de ver. Para isso questiono-me: O que as imagens criadas pelas crianças me fazem pensar? Que palavras me surgem ao entrar em contato com essas imagens?

Buscar fugir das representações já tão naturalizadas, das interpretações estanques, é um caminho difícil, tortuoso. Um intenso exercício de olhar e de escrita, uma brincadeira com palavras e imagens. Fruto também de algumas escolhas, pois não posso negar que algumas imagens foram deixadas de lado. Eis aqui uma pequena amostra dessas narrativas:

Foto 1e 2 - Um buraco escuro, aparentemente vazio, que com a luz de um flash ilumina-se. Um ser que se apresenta. Será que para defender seu território? Ou apenas para mostrar-se aos nossos olhos desatentos?



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 3 – Uma folha que desenha com todo o seu esmero um coração. Está ela demonstrando o seu amor por este ser que a visita? Tum tumtumtum...



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 4 - O cotidiano ganha um novo colorido.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 5 - O cotidiano perfumado com surpresas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 6 – O cotidiano permeado por delicados gestos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 7 - Seria o cotidiano escolar um emaranhado complexo de seres numa relação mútua de convivência e sobrevivência ?



Fonte: Arquivo pessoal.

Despalavra

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvores.
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto. (BARROS, 2010).

Os poetas refazem o mundo por imagens e estas, por sua vez, transformam o mundo em poesia. O ver na poesia manoelina se afasta da visão empirista da realidade, que se vincula à crença perceptiva do olhar. Em poesia é preciso ver com a imaginação, ou, como diz o poeta: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” (BARROS, 2010, p. 350).

A arte fotográfica, segundo Andrade Jr. (2004-2005), escapa a uma reprodução mimética do visível, sendo uma forma de transgredir as fronteiras do visual e de encontrar na realidade o que os nossos olhos não percebem. Manoel de Barros parece compreender a poesia como uma forma de instaurar uma nova realidade através da linguagem do olhar. A forte presença da relação entre poesia e visualidade em suas obras tem a ver com a multiplicidade do visível, das inúmeras maneiras de se ver o mesmo objeto e de imaginá-lo. Seus poemas participaram da criação das fotografias, compuseram o olhar infantil sobre o ambiente, permitindo às crianças transver o mundo.

BRINCADO COM O OLHAR

Experimentar a potência inventiva da infância é o que nos convida Manoel de Barros, e foi o que procurei fazer ao tecer esta pesquisa. Sua poesia não pretende ser uma explicação do mundo, mas antes uma invenção de mundos que sugere a criação de novas formas de olhar e de experienciá-lo. Ao concluí-la, passei a refletir sobre a importância do brincar, do faz de conta, da imaginação, em nossa experiência de nos tornarmos adultos. Em minha terceira oficina junto às crianças, brincamos de ir à procura dos seres desimportantes e registrar esse encontro através da fotografia. Tínhamos dois brinquedos a nossa disposição: uma máquina de ampliar a visão e uma máquina de eternizar imagens. As crianças exploraram espaços da escola pouco visitados por elas no seu dia a dia. Permitiram-se olhar para o ambiente, encontrar-se com a vida que sempre esteve ali, mas que costumeiramente elas não paravam para contemplar. A brincadeira com o olhar permitiu esse encontro, pois “brincar é estar perto.” (BARON, 2002, p. 62).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio Carlos. Fotografias, escritas cotidianas e currículo de formação. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- ANDRADE JR., Antonio Francisco de. Com olhos de ver: poesia e fotografia em Manoel de Barros. **Cadernos de Letras da UFF – PIBIC – GLC**, p. 30-31, 2004-2005.
- AZEVEDO, Cristiane Sampaio. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros, questão de poesia ou filosofia? **Revista.doc.**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 3, jan./jun. 2007.
- BARCELOS, Valdo; SILVA, Ivete Souza da. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental pós-moderna. In: PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Guilherme (Orgs.). **Ambientes da ecologia**. Santa Maria: UFSM, 2007. v. 1, p. 139-154.
- BARCELOS, Valdo. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARON, Sandra C. Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o aprender. In: GARCIA, Regina Leite. **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- _____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da alma espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- EITLER, Kita. Questões sobre a fotografia: olhando o mundo pelo buraco do alfinete. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FRANÇA, Andréa. Ser imagem para outro. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Davi; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 47-61.
- GARCIA, Regina Leite. Múltiplas linguagens na vida – por que não múltiplas linguagens na Escola? In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. In: Reunião Anual da ANPED, 29., Caxambu, 2006. **Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. p. 1-15.
- _____. A invenção de dispositivos pedagógicos indagativos sobre o ambiente. In: Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural (ARIC), 12., Florianópolis, 2009. **Anais**. Florianópolis: ARIC, 2009a., v. 1. p. 1-13.
- _____. Como a educação ambiental poderia não deixar fugir a vida que nos beija? **Revista Primeiro Plano**, Brasília, n. 15, p. 18, 2009b.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZANCO, J. ; SALGADO, G. N. ; MELO, S. Tecendo educação ambiental e estudos culturais. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, SP, v. 5, p. 73-82, 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul/dez., 1997.

KRELLING, Aline Gevaerd. **Quando pesquisa e brincadeira se encontram: reinventando a poesia de Manoel de Barros no cotidiano escolar**. 2011. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870775&opt=4>

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Onde sonham as formigas verdes: sonho, silêncio, vazio. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline; BARCELOS, Valdo (Orgs.) **Tecendo educação ambiental na arena cultural**. Petrópolis, RJ: DP et AI Editora, 2010.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 2002.

SALGADO, Gabriele Nigra. **Educação ambiental e foto-dispositivo: outras imagens do Sertão do Peri**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: EdiPucRS, 2002.

WUNDER, Alik; SPEGLICH, Erica; CARVALHO, Fabiana Aparecida; AMORIM, Antonio Carlos R. A educação ambiental: entornos pós-modernos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 67-87, 2007.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercício de olhar. In: **Reunião Anual Anped**, 29., Caxambu, 2006. Rio de Janeiro: ANPED, 2006.

_____. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008.

ZANCO, Janice. **Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2010.